

VULNERABILITIES OF ACHIEVED BY HYDROELECTRIC IMPLANTATION: LOOK THROUGH PHOTOGRAPHY

M. A. BUSATO¹, T. R. BOUFLEUER² e S. GIRELLI³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Chapecó-SC, Brasil

<http://orcid.org/0000-0003-0043-7037>¹

assunta@unochapeco.edu.br¹

Submetido 26/01/2022 - Aceito 29/07/2022

DOI: 10.15628/holos.2021.13629

ABSTRACT

The growing construction of hydroelectric power plants, associated to environmental impacts, symbolic and material losses has been of interest in studies with different theoretical and methodological references. With a qualitative approach, this study analyzed vulnerabilities of families in a community affected by the hydroelectric plant deployment process, using photography. This methodological resource contributed to the unveiling of everyday situations, showing that the

changes in community life resulting from flooding began to have visibility from the angle of a photographic camera, which, although having difficulties as background, chose as a focus the (im)possibilities of resistance and creation against the context. It is from this experience that the potentiality of the photography is discussed to the researches that are proposed dialogical in the production of the knowledge, in particular, of the vulnerabilities.

KEYWORDS: Vulnerability analysis, hydroelectric power plant, photography.

VULNERABILIDADES DE ATINGIDOS POR IMPLANTAÇÃO DE USINA HIDRELÉTRICA: OLHAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

RESUMO

A crescente construção de usinas hidrelétricas, associada a impactos ambientais, perdas simbólicas e materiais tem despertado interesse em estudos com diferentes referenciais teórico metodológicos. Com abordagem qualitativa, este estudo analisou vulnerabilidades de famílias em uma comunidade atingida pelo processo de implantação de usina hidrelétrica, utilizando a fotografia. Esse recurso metodológico contribuiu no desvelamento de situações cotidianas, mostrando que as alterações na

vida comunitária decorrentes do alagamento passam a ter visibilidade sob o ângulo de uma câmera fotográfica, que embora tenha como pano de fundo as dificuldades, escolheu como foco as (im)possibilidades de resistência e criação frente ao contexto. É a partir dessa experiência que se discute a potencialidade da fotografia às pesquisas que se propõem dialógicas na produção do conhecimento, em especial, das vulnerabilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de vulnerabilidade, usina hidrelétrica, fotografia.

INTRODUÇÃO

As formas de vida moderna exigem cada vez mais recursos energéticos para satisfazer as necessidades humanas, seja para produzir bens de consumo, para manter em funcionamento as tecnologias de comunicação, a urbanização e atividades da vida noturna. Sendo a produção de energia vista como um gargalo para o crescimento econômico, a construção de muitas e novas Usinas Hidrelétricas (UHE) tem significado solução, pois atualmente três quartos da oferta de energia elétrica do Brasil é proveniente de geração hidráulica (Queiroz & Motta Veiga, 2012).

Essas soluções para o crescimento econômico, compreendido para muitos como desenvolvimento, trazem consigo mudanças nas regiões atingidas pelos empreendimentos hidrelétricos que preocupam pelos impactos ambientais com alteração do bioma e clima regional (Queiroz & Motta-Veiga, 2012, Bregagnoli & Rothman, 2014). Para Lara e Brasil (2020) essas alterações do ambiente podem ser nocivas tanto ao meio ambiente quanto provocar alterações na saúde das pessoas.

Estudos como os de Monteiro e Dal Magro (2015), Giongo, Mendes e Santos (2015), Baron (2015) e Rosa *et al.* (2018) apontam para a necessidade de olhar para as populações ribeirinhas pelas alterações nos modos de vida decorrentes dos alagamentos e estão associados a deslocamentos compulsórios, rupturas históricas da família e comunidade com a terra e com o rio, problemas nas negociações com a empresa, resultando em ações compensatórias tardias e nem sempre satisfatórias diante das perdas vividas pelos atingidos.

Consequências com danos à saúde física e mental apresentados em estudos (Dachery, Severgnini e Barbisan, 2010, Bregagnoli & Rothman, 2014) desnudam a condição de vulnerabilidades a que ficam expostos o ambiente e as pessoas que passam por esse processo.

Compreende-se as vulnerabilidades com dimensões individuais, sociais e programáticas (Ayres, Calazans, Saletti Filho e França-Junior, 2012), e que envolvem tanto os processos geradores de riscos e o grau de capacidade dos indivíduos, comunidades e sociedade de absorver e enfrentar as situações decorrentes desses processos que interferem diretamente no cotidiano local (Porto, Pivetta, Soares, Moreira e Freitas, 2004), a exemplo do que ocorre com o deslocamento de famílias atingidas pela construção de hidrelétricas ou construção de barragens (Silva, Medeiros, Oliveira Jr, Freitas Neto & Santos Jr, 2021)

Neste contexto, na região sul do Brasil, a bacia hidrográfica do rio Uruguai, abrange os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se estendendo para a Argentina e Uruguai e é

cenário para instalação de usinas de pequeno, médio e grande porte (Agnolin, Winkler e Renk, 2015, Rosa Busato, Ferraz e Camponogara, 2018).

Este estudo foi realizado no contexto de uma comunidade de um dos treze municípios que conjuntamente tem cerca de setecentas famílias atingidas nos dois estados, pela construção de uma UHE. Esta comunidade se estruturou há décadas na relação com o rio Uruguai pela pesca, retirada de areia para construções, pela agricultura de subsistência nas terras ribeirinhas, pelo movimento da balsa que transportava as pessoas de um estado para o outro e, posteriormente, pela construção de ponte sobre esse mesmo rio.

Além de dar voz às narrativas dos sujeitos atingidos pela implantação de uma UHE, o estudo utilizou a fotografia como complemento metodológico para revelar vulnerabilidades e evidenciar as formas de enfrentamento das famílias. Contudo, como refere Baltar (2015) não basta fotografar um assunto para que ele seja compreendido. Para os participantes, esse recurso possibilitou ressignificar elementos do ambiente vivido e transformado pelo empreendimento hidrelétrico. Ainda, promoveu considerável aproximação e leveza na relação entre pesquisadoras e participantes.

Na intenção de capturar, fixar e registrar imagens do cotidiano, a fotografia está presente na história moderna da humanidade e vem se mostrando um “recurso técnico capaz de evidenciar a realidade”, sendo usada como estratégia metodológica nas pesquisas científicas, ainda que com questionamentos quanto às suas verdades (Tittoni, Oliveira, Marques e Tanikado, 2010, p. 59-60). Para as autoras, a fotografia possibilita ao sujeito a produção de realidades significativas, o que implica em reconhecer subjetividades nos conteúdos expressos e significados para além da fala. Com variada utilização na Psicologia pelas possibilidades que oferece no campo da linguagem e da subjetividade, abre caminhos para demais áreas das ciências humanas e sociais, principalmente nas pesquisas qualitativas (Neiva-Silva & Koller, 2002, Maurense & Tittoni, 2007, Justo & Vasconcelos, 2009, Tittoni *et al.*, 2010).

Com o objetivo de analisar vulnerabilidades de famílias em uma comunidade atingida pelo processo de implantação de usina hidrelétrica, utilizando o recurso da fotografia, este artigo apresenta inicialmente o cenário e o ambiente do estudo com a perspectiva das vulnerabilidades, sendo este um conceito chave para interpretação dos resultados. Em seguida apresenta elementos sobre o uso da fotografia que estimularam e fundamentaram a inclusão desse recurso e demonstra o percurso metodológico adotado para esta pesquisa. Os resultados estão sistematizados em algumas imagens e narrativas dos participantes.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Vulnerabilidades em ambientes de atingidos por implantação de Usina Hidrelétrica

As grandes obras relacionadas à implantação de uma UHE acarretam mudanças nos cenários regionais, alterando a paisagem, o ecossistema de animais e vegetais e atingem diretamente a vida das famílias instaladas nas proximidades (Rosa & Busato, 2015). As barragens formam grandes lagos e deslocam compulsoriamente as famílias que construíram suas histórias na desses rios. As autoras apontam para o estranhamento de lidar com o desconhecido ao ver que “o espaço construído ao longo de gerações, sendo desconstruído por agentes externos” (Rosa & Busato, 2015, p.166-167), expressando, por vezes, muita dificuldade de adaptação.

Dachery, Servegini e Barbisan (2010) mostram que a grande quantidade de usinas hidrelétricas existentes no Brasil, já inundou aproximadamente 34.000 Km², deslocando mais de 200 mil famílias das suas terras de origem. Modificações de um ecossistema em uma região produzem prejuízos econômicos e humanos (Henrique & Batista, 2020). Estudos nestes cenários referem perdas materiais e simbólicas nas populações atingidas, com efeitos danosos à saúde física e mental incluindo estresse, depressão, distúrbios respiratórios e digestivos, hipertensão, cardiopatias, entre outras (Dachery *et al.*, 2010, Queiroz & Motta-Veiga, 2012, Bregagnoli & Rothman, 2014).

Desde a ruptura material, social ou simbólica com o lugar e com a história até os danos à saúde são percebidos processos com interesses variados e muitas vezes opostos e que denotam situações de vulnerabilidades. Porto *et al.* (2004, p. 11) compreendem que as vulnerabilidades incluem “tanto os processos geradores quanto as características das populações e regiões que possuem maiores dificuldades em absorver os impactos decorrentes de diferentes eventos de risco”. Além da avaliação dos riscos de um determinado contexto, buscar compreendê-lo considerando as vulnerabilidades implica reconhecer como situações semelhantes são vivenciadas e enfrentadas de formas diferentes pelos sujeitos.

Ayres *et al.* (2012) auxiliam nessa compreensão ao organizar as vulnerabilidades e os enfrentamentos em níveis individual, social e programático, sendo entendidos como dimensões interdependentes. O nível individual se refere à capacidade de as pessoas elaborar as informações que têm a respeito de uma situação e transformá-las em práticas de autoproteção. O nível social configura-se numa rede de apoio mais ampla, envolvendo vizinhos e comunidade na superação de problemas vividos coletivamente. O nível programático, se refere às ações políticas e institucionais com suporte, e “busca justamente avaliar como, em circunstâncias sociais dadas, as instituições,



especialmente as de saúde, educação, bem-estar social e cultura, atuam como elementos que reproduzem, quando não mesmo aprofundam, as condições dadas de vulnerabilidade” (Ayres *et al.*, 2012, p. 397).

As vulnerabilidades das populações que vivem ou viveram em ambientes atingidos por implantação de Usina Hidrelétrica podem estar identificadas nos diferentes níveis, sejam individuais, sociais ou programáticos, mostrados através de palavras, sentimentos, ações ou imagens. Neste estudo, são reveladas pelas palavras e fotografia.

A fotografia na pesquisa científica

A história do conhecimento científico mostra que a racionalidade contribuiu com o avanço do desenvolvimento humano nos últimos séculos. Santos (2010) aclara que sob a influência das Ciências Naturais, o paradigma simplificador dominante tentou colocar e manter a ordem no universo, buscando neutralidade, universalização e padronizações que não respondem a todas as necessidades humanas e, muito menos, aos novos problemas que surgem com esse desenvolvimento. Esta referência auxilia na compreensão de que a subjetividade humana não se rende a padrões e explicações previsíveis que a ciência racional perseguiu por muito tempo, o que clama por novas possibilidades de fazer ciência, considerando essa imprevisibilidade e potencialidades do ser humano. Por conseguinte, as Ciências Sociais contribuem para o reconhecimento do senso comum como conhecimento essencial para a compreensão da realidade (Santos, 2010). Para o autor, esse paradigma emergente é desafiador por ter a missão de formar pesquisadores capazes de considerar dimensões sociais, históricas e econômicas do contexto estudado para a produção coletiva do conhecimento. Assim, trajetórias de vida, valores e crenças dos sujeitos são essenciais ao desenvolvimento do conhecimento científico.

Em se tratando de construir novas formas de fazer pesquisa científica, vale a recomendação de que a fotografia “busca integrar à pesquisa e à produção científica um pouco de sensibilidade da experiência que a racionalidade moderna se esforçou por retirar de nossa atividade como pesquisadores” (Maurente & Tittoni, 2007, p. 37). Desta forma, a fotografia caminha com paradigma emergente, nomeado por Santos (2010), por possibilitar adentrar na realidade estudada pelos olhares dos sujeitos envolvidos na problemática, a exemplo da população deste estudo.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado na abordagem qualitativa (Minayo, 2014) com dezesseis famílias de uma comunidade atingida pelo alagamento decorrente da implantação de um empreendimento hidrelétrico. A escolha das famílias com problemáticas parecidas foi intencional. Essas famílias participantes¹, em sua maioria, eram compostas pelo casal (marido e mulher), algumas com filhos. A metade dessas saiu de suas moradias para serem realocadas em terrenos com casas novas e outra metade permaneceu na moradia com parte da terra alagada. As entrevistas, realizadas nas residências das famílias, incluíam todos os presentes, mas as questões específicas foram respondidas por um ou dois membros representantes.

A entrevista seguiu um roteiro semiestruturado envolveu questões sobre a história das famílias e sua relação com as mudanças decorrentes da implantação da UHE, e as formas de enfrentamento das vulnerabilidades no contexto vivido.

O recurso fotográfico serviu como ferramenta metodológica complementar à investigação sobre as vulnerabilidades, quando os participantes, após responder verbalmente às questões da entrevista, foram convidados a representar os elementos, materializando-os em uma ou mais fotografias. Com escolha livre, os entrevistados definiram o cenário, objetos e símbolos que fariam parte do registro. Porém, já nas primeiras tentativas de entregar a máquina fotográfica para o manuseio, percebeu-se um estranhamento e rejeição ao equipamento. Assim, embora a orientação do que e como registrar ficasse pela definição do participante, o ato de captura da imagem deu-se pelas pesquisadoras. A escolha dos cenários e conteúdo das fotografias integrou, junto com as entrevistas, a análise temática do conteúdo (Minayo, 2014).

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos e seguiu todas as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde de 2012. Pela garantia ética do anonimato dos participantes, apenas partes do corpo foram registradas quando a cena assim o requeria. Por fim, as imagens produzidas foram impressas e entregues aos participantes do estudo depois da pesquisa realizada como forma de retorno e registro daquilo que foi sinalizado como significativo.

A fotografia revelando o que as palavras não mostram

¹ As famílias foram identificadas por F1, F2... F16, para manter o anonimato.

O foco deste artigo recai sobre as vulnerabilidades analisadas por meio do registro e narrativa fotográfica. Acredita-se que a escolha de uma cena específica, capturada em imagem, como resposta a uma questão previamente dada, é o que ampliou a experiência aqui relatada. Assim, a fotografia que a princípio seria um recurso complementar à entrevista, ao ser usada para dar leveza à temática das vulnerabilidades, mostrou todo seu potencial no desencadeamento de percepções e despertar de sentidos para o ambiente vivido. Logo, concorda-se com Justo e Vasconcelos (2009, p. 771) quando afirmam que a narrativa, ao encontrar a fotografia,

...incita o contato com as questões, o dialogar, o colocar-se frente a si mesmo e reconstruir-se, através da fotografia que, tal como a imagem nos sonhos, abre caminho para a expressão do sujeito, de sua subjetividade e de seu modo de ver e compreender suas vivências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A temática relacionada aos contextos de implantação de usinas hidrelétricas significa para os atingidos mexer em sentimentos de dor, saudade e, muitas vezes, invasão e abandono. Por isso, o cuidado e ética ao tratar desse assunto é primordial e, no presente estudo, a direção escolhida para o uso da fotografia foi de reconhecer e evidenciar formas de enfrentamento para situações vivenciadas como problemas decorrentes desse processo.

Maurente e Tittoni (2007, p. 34), em pesquisa com trabalhadores, utilizaram o recurso fotográfico pelo seu potencial de reflexão e investigação por considera-lo como “um ato criativo e uma possibilidade de surpresa” para além dos diálogos informais. Evidenciam também que essa estratégia possibilita produção conjunta saberes entre pesquisador e participantes, pois “na medida em que produzem imagens sobre o seu trabalho e seus modos de existência, estes sujeitos estão sendo protagonistas na construção, não apenas de seus modos específicos de trabalhar, mas de significados sociais” (Maurente & Tittoni, 2007, p. 37).

Essa significação pode ser percebida no presente estudo quando a decisão dos elementos da fotografia bem como a direção do foco e fundo foram sendo construídos e comentados. Durante as entrevistas com um ou mais representantes da família, as questões gerais referiam-se às histórias de vida na comunidade que sofreram transformações. Destaca-se neste sentido o processo indenizatório e deslocamentos compulsórios nos quais as famílias são obrigadas a sair das suas moradias carregadas de histórias para novos espaços, seja próximo à comunidade, seja em assentamentos distantes. As alterações na vida comunitária e relação com o rio, com perdas materiais e simbólicas foram representados na relação com vulnerabilidades.

As mudanças decorrentes do alagamento e o estranhamento das novas formas de lazer atraídas pelo turismo local, que transformou o rio em lago, foram evidenciadas com tristeza, pois o rio está presente na história das pessoas e é visto como a essência do lugar. As mudanças de local de moradia para quem permaneceu na comunidade, o enfraquecimento e desarticulação desta pelo deslocamento de familiares e amigos para outras regiões junta-se à preocupação com os danos ambientais e efeitos na saúde das pessoas, com destaque para o sofrimento psíquico.

Os relatos dos participantes evidenciaram que o processo de implantação da UHE, envolvendo anos de incertezas e negociações com os moradores, foi percebido como gerador de vulnerabilidades, assim como também o descaso, depois do alagamento, por parte da empresa, do setor público e mesmo da organização social da comunidade.

Ao serem questionados sobre o que faziam para enfrentar esses problemas, onde e no que buscavam alternativas para lidar com novas formas de viver, é que o recurso fotográfico mostrou seu potencial revelador. O fato de escolher um ou mais elementos para representar o que auxilia a lidar com as situações, dilatou as percepções e ampliou as possibilidades. Corroborando com as ideias de Justo e Vasconcelos (2009, p. 771) quando afirmam que “diante da imagem o pensamento se estende” e que “produzir imagens é também criar histórias pessoais e culturais, mediante as quais o homem pode narrar, comunicar e compreender sua própria existência”.

Desvelando enfrentamentos de vulnerabilidades

A identificação de ambientes ou objetos que representam possíveis formas de enfrentamento de vulnerabilidades observadas na população em estudo foram sendo delineados. Para isso, os entrevistados circulavam-pelo espaço físico da moradia, fazendo movimentos mentais na busca dos elementos mais significativos para responder a questão. Essa dinâmica de identificação e registro fomentou o reconhecimento de elementos com potencial de enfrentamento, antes ignorados. As principais imagens registraram pessoas, animais, objetos, plantas, sensações e sentimentos, possibilitando a materialização de ideias referentes ao tema. Alguns registros fotográficos produzidos pretendem ilustrar essa experiência.

Figura 1 – O rio e suas transformações.



O rio Uruguai, presente em todas as narrativas, é representado como a essência e origem do lugar e motivo de tristeza por ter se transformado em lago com a construção da barragem para a construção da hidrelétrica. Esta imagem (Figura 1) representa o que sobrou de uma ilha que era ninhal de pássaros no passado. A participante se emociona ao contar o “desespero das garças” quando da efetivação do alagamento elas chegaram e não tinham onde pousar. Nas suas palavras:

Porque mudou o clima, o ecossistema mudou, também tiveram que tirar muita árvore, tinha muita fruta, tiveram que derrubar. O ecossistema mudou, a natureza mudou. Até é impactante, porque aqui na frente tinha uma ilha, tinha os passarinhos brancos, as garças, ali era o ninhal deles, eu queria ter filmado, elas vinham toda a tarde, ficavam bem loucas procurando” (F16).

Por outro lado, o rio ainda presente, dá força e encoraja a pensar em novas formas de viver e se relacionar com o lugar.

Figura 2 – Força e união da família.



Figura 3 – O cultivo de frutas em novo terreno.



Uma das famílias participantes relatou o sofrimento no processo de deslocamento da comunidade e a pressão da empreiteira para que vendessem também seu terreno, ainda que não estivesse na área de abrangência. Apontam a família (Figura 2) como fator de proteção e união na resistência em permanecer no espaço. Esse sentimento de conquista também se expressa na ligação com a terra. “O que me segura aqui é a terra, nasci aqui e quero ficar aqui” (F9).

Essa fotografia (Figura 3), representa o grupo de famílias que foi realocada para terrenos mais distantes do rio. Ao registrar essa cena o sujeito demonstrou as dificuldades enfrentadas ao sair do terreno plano na beira do rio para um terreno menor, íngreme o que exige grande esforço para o cultivo e para lidar com os sentimentos de perda das formas de vida ligadas à pesca e agricultura antes do alagamento decorrente da construção da barragem. Ainda assim, perceber seu potencial de esforço junto à família, representou a possibilidade de recomeçar, dizendo que “o que tinha, destruiu... vamos nos ajeitando, embelezando, plantando arvoredo” (F1).

As vulnerabilidades presentes antes, durante e depois do alagamento originado pelo represamento dos rios, ficam evidentes quando se percebem conflitos antagônicos e disparidades nas relações de poder entre os atingidos e representantes da UHE. Isso pode ser observado em falas como “eu não estava pedindo barragem” (F1) ou ainda: “nós não estávamos ali para vender, oferecer o que nós tinha, quem estava querendo é a empresa, eles têm que fazer uma opção para você. Não era um ano nem dois. Eram duas gerações, até três” (F15).

Baron (2015, p.89) refere que os projetos envolvendo construção de barragens “não nascem dos anseios da população” atingindo-a pelos deslocamentos compulsórios, desestruturação social, indenizações nem sempre justas, “pela perda do usufruto dos rios que servem para a pesca, lazer e ponto de referência na vida dessas comunidades”.

Outro morador na mesma situação também se refere ao terreno íngreme no qual foram colocados na indenização e a dificuldade para poder cultivar, dizendo que “...com esse negócio de barragem sobrou muito chão bom aqui e eles colocaram nós no perau [*no morro*]” (F12). Ainda assim, lidar nesse “chão” e cultivar o que for possível ainda é o que lhes dá sentido de continuar se mantendo no lugar.

Figura 4 – Chimarrão com a vizinhança.



Figura 5 – A fé e a comunidade.



“A vizinha vem tomar chimarrão comigo todos os dias. Já éramos vizinhas na outra casa e nós pedimos para ficar perto” (F2). A participante (Figura 4) se refere ao deslocamento dos moradores que viviam na beira do rio e foram alocados em pequenos terrenos com casas na mesma comunidade, num local mais retirado do centro que se destina agora ao turismo e a empreendimentos ligados a ele. O deslocamento das moradias anteriores para novos espaços gera saudade, mas o fato de permanecer com a mesma vizinhança, representada aqui pela companhia no chimarrão, uma bebida característica da cultura regional, que reforça a capacidade de lidar com as perdas vividas e expressas na entrevista.

A imagem com símbolos religiosos (Figura 5) na casa de um morador representa uma prática que unia a comunidade em torno da fé. Menciona que “antes ela [a imagem da Santa] passava de casa em casa, mas agora está ficando aí” (F15). Com as transformações físicas e na organização social do espaço, a “Santinha” não está mais circulando, mas é guardada na esperança de que um dia a comunidade volte a ser o que era. A fé também está presente na confiança de que é possível se acostumar com novas formas de vida e inclusive passar de agricultor para comerciante ao se adequar à realidade do potencial turístico.

As sensações e perspectivas relacionadas ao potencial turístico, divergem entre os moradores, e também foram registradas com preocupação e desconforto para alguns. Outra participante revela a não identificação com o lugar pelo processo de transformação da comunidade num ponto turístico. Enquanto planeja sair dali se reclusa numa parte do novo terreno, mantendo-o limpo e plantando flores. Chama isso de “o silêncio”, para lidar com a frustração na comunidade, que como ela diz “foi tudo água abaixo” (F13).

Materializar sensações, sentimentos pensamentos e desejos em fotografias, desvelou realidades e forças que não estavam sendo expressas por palavras. Justo e Vasconcelos (2009, p. 771) argumentam que a fotografia, “por seu caráter expressivo e plástico, possibilita colocar imagens onde ainda não há palavras, dar forma ao indefinido e, depois, olhar para este conteúdo e significá-lo”. Observou-se que a produção de imagens ampliou a compreensão e a ressignificação de elementos da sua existência neste local. Em algumas entrevistas, as narrativas marcadas por saudade, tristeza, decepção e indignação transformaram-se em resgate saudável através da fotografia, com reconhecimento do potencial para lidar com as situações vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vulnerabilidades identificadas nas famílias participantes deste estudo, são minimizadas a partir das condições de enfrentamento vislumbrada por cada uma delas. Individualmente, procuraram manter o que restou após o alagamento provocado pela instalação da usina hidrelétrica, estruturaram novas formas de viver e se relacionar, preservando um sentimento de identidade e pertencimento ao local que nem mesmo as intensas transformações conseguiram dizimar. Socialmente, embora a redução no número de pessoas tenha impactado as relações de vizinhança, outros laços afetivos foram criados ou fortalecidos na ideia de que a “união faz a força” frente às dificuldades e o desejo de que a comunidade não morra, como tantas outras coisas que foram “por água a abaixo”, como foi significativamente expresso por uma participante. E é nesse relação de (in)visibilidade, potencialmente criada pelo uso da fotografia, que também emerge a precariedade de ações políticas e institucionais, tão escassas e pouco eficientes para se assegurarem como suporte às condições geradoras de vulnerabilidades.

Tratar da potencialidade da fotografia em pesquisa social remete não só aos resultados por ela mediados, mas essencialmente ao processo por ela permitido, que pode ser visto ora pela lente do pesquisado, ora, pela do pesquisador. Embora não de posse em mãos do equipamento, foram os olhos dos sujeitos pesquisados que direcionaram o foco da câmera, permitindo um enquadramento daquilo que lhes importava, do que lhes afetava e produzia sentido. Nesse direcionamento do ir e vir, “mais para cá”, “um pouco mais para baixo”, “pega aquela parte” é que por alguns instantes o pesquisador se tornou uma extensão do corpo do pesquisado, e a ideia de aproximar-se em dois cliques já é substituída pela de fazer parte, implicando num processo dialógico na produção do conhecimento.



Assumindo as limitações deste estudo por tratar originalmente da fotografia como um elemento complementar, reconhece-se o potencial que este recurso tem para o desenvolvimento de pesquisas que pretendem, como este, dar visibilidade às questões sociais emergentes, a partir da visão dos próprios sujeitos. Assim, espera-se que os resultados conduzam a olhares outros, que não mais restritos a pesquisadores e pesquisados. Que esses novos olhares sejam além do “para”, mas “por” e “com” pessoas, suas experiências e sentimentos.

O uso da fotografia, enquanto recurso metodológico, potencializou o conhecimento acerca das vulnerabilidades decorrentes da instalação de uma UHE. Mais do que facilitar o acesso às informações, permitiu a construção de novas narrativas acerca de elementos do cotidiano, facilitando vislumbrar formas de enfrentar as problemáticas vividas.

REFERÊNCIAS

- Agnolin, G. L.; Winkler, S. & Renk, A. (2015). Disputas e debates em torno do Pacuera do reservatório da UHE Foz do Chapecó. In: Dal Magro; M.L.P.; Renk, A.; Franco, G.M.S. (Orgs). *Impactos socioambientais da implantação da Hidrelétrica Foz do Chapecó*, p. 43-60. Chapecó: Argos.
- Ayres, J. R. C. M.; Calazans, G. J.; Saletti Filho, H. C.; França-Jr., I. (2012). *Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde*. In: Campos, G. W. S.; Minayo, M. C. S.; Akerman, M; Drumond, J.M. & Carvalho, Y.M. (Orgs). (2012). *Tratado de Saúde Coletiva*. ed. São Paulo: Hucitec, p. 375-417.
- Baltar, L. (2015). Fotografia entre confronto e arte. *Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea Pauta*, 35(13).
- Baron, S. (2015). Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó: o pós-barragem e os impactos nas comunidades ribeirinhas. In: Dal Magro, M.L.P., Renk, A. & Franco, G.M.S. (Orgs). *Impactos socioambientais da implantação da Hidrelétrica Foz do Chapecó*, Chapecó: Argos, 89-106.
- Bregagnoli, N. D. N. & Rothman, F. D. (2014). Impactos Socioculturais: os efeitos da Usina Hidrelétrica Cachoeira do Emboque em sua comunidade atingida. *Revista Agrogeoambiental*, 6(1): 19-29.
- Dachery, J. M., Severgnini, K. & Barbisan, A. (2010) O. Energia hidrelétrica: principal fonte energética do país e a UHE Foz do Chapecó. *Unoesc & Ciência – ACET*, 1(1): 31-38.
- Giongo, C. R., Mendes, J. M.R. & Santos, F. K. (2015). Desenvolvimento, saúde e meio ambiente: contradições na construção de hidrelétricas. *Serviço Social & Sociedade*, 123: 501-522.



- Henrique, A. & Batista, M. (2020). A politização dos desastres naturais: alinhamento partidário, declarações de emergência e a alocação de recursos federais para os municípios no Brasil. *Revista do Cesop - Opinião Pública*, 26(3):522-555.
- Justo, J. S. & Vasconcelos, M. S. (2009). Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia – UERJ*, 9 (3):760-774.
- Lara, M. A. S. & Brasil, D. R. (2020). O rompimento de barragens de rejeitos de minério e o dano ao patrimônio cultural dos oprimidos das bacias dos rios doce e Paraopeba. *Revista de Direito Brasileira*, 26(10):243-262.
- Maurente, V. & Tittoni, J. (2007). Imagens Como Estratégia Metodológica em Pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia e Sociedade*, 19(3): 33-38.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Monteiro, A. M. (2014). *Os impactos da implantação da UHE da Foz do Chapecó nas redes sociais significativas dos agricultores familiares residentes na área de abrangência do empreendimento hidrelétrico*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia, Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ, Chapecó.
- Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7(2): 237-250.
- Porto, M. F. S., Pivetta, F., Soares, M., Moreira, J. & Freitas, C. M. (2004). Abordagens ecossociais: pensando a complexidade na estruturação de problemas em saúde e ambiente. In: *Anais do II Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade*. (p. 1-23), São Paulo: ANPPAS.
- Queiroz, A.R.S. & Motta-Veiga, M. (2012). Análise dos impactos sociais e à saúde de grandes empreendimentos hidrelétricos: lições para uma gestão energética sustentável. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17 (6): 1387-1398.
- Rosa, L. & Busato, M. A. (2015). Transformações sociais e do ambiente vivenciadas por famílias atingidas pela hidrelétrica Foz do Chapecó. In M. L.P Dal Magro, A. Renk, & G. M. S. Franco. (Orgs). *Impactos socioambientais da implantação da Hidrelétrica Foz do Chapecó* (pp. 4165-183). Chapecó: Argos
- Rosa, L., Busato, M. A., Ferraz, L. & Camponogara, S. (2018). Repercussões na saúde das famílias que vivenciaram mudanças ambientais provocadas pela construção de usina hidrelétrica. *Ambiente & Sociedade*, 21: e02453
- Santos, B. S. (2010). *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. São Paulo, SP: Cortez.
- Sato, L. (2009). Olhar, ser olhado e olhar-se. Notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12 (2): 217-225.



Silva, R. S. A., Medeiros, A. B. S., Oliveira Jr, A. P., Freitas Neto, O. Santos Jr, O. F. (2021). Acidentes e incidentes em barragens brasileiras: uma análise dos dados disponíveis nos relatórios de segurança de barragens e da legislação vigente, *Holos*, 37(6): e10245.

Tittoni, J. Oliveira, R. G., Marques, P. & Tanikado, G. (2010). A fotografia na pesquisa acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. *Informática na Educação: teoria & prática*. 13(1): 59-66.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Busato, M. A., Boufleuer, T. R., & Girelli, S. (2022). VULNERABILIDADES DE ATINGIDOS POR IMPLANTAÇÃO DE USINA HIDRELÉTRICA: OLHAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA. HOLOS, 6. Recuperado de <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/13629>

M. A. BUSATO

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Chapecó-SC, Brasil
Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde.

E-mail: assunta@unochapeco.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0043-7037>

T. R. BOUFLEUER

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Chapecó-SC, Brasil. Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde

E-mail: terebou@unochapeco.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1783-3274>

S. GIRELLI

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Chapecó-SC, Brasil. Curso de Graduação em Psicologia

E-mail: scheilapsi@unochapeco.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8144-2705>

Editor(a) Responsável: Prof^a. Francinaide de Lima Silva Nascimento

Pareceristas Ad Hoc: Prof. Leandro Silva Costa



Recibido: 26 de Janeiro de 2022

Aceito: 29 de Julho 2022

Publicado: 28 de Dezembro de 2022



